Tecnologia, Comunicação e Educação: a utilização da internet como uma extensão do relacionamento entre docentes e discentes em sala de aula[1]

Gabriel LAGE NETO[2]

RESUMO

Ao educador contemporâneo cabe uma série de desafios. Ao mesmo tempo em que ele é o profissional incubido de ensinar o conteúdo de suas disciplinas para os alunos, ele é o indivíduo que está constantemente aprendendo nessa troca realizada em sala de aula. O docente que utiliza a internet como uma ferramente em benefício da educação, estará, mesmo sem perceber, estreitando os laços de interação com os discentes, tornando-se assim, cada vez mais uma figura de referência para estes. É necessário, porém, que o educador entenda que o uso das novas tecnologias combinadas com a educação deve ser visto apenas como um veículo, e não como destino final.

PALAVRAS-CHAVE: Docência. Educação. Internet. Tecnologias. Redes Sociais.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação
Paulo Freire

Introdução

O educador na contemporaneidade não pode ser aquele indivíduo comprometido apenas com o ensino do conteúdo da disciplina que ministra. Este é um modelo antiquíssimo, e o profissional que ainda o segue tem como opção tomar um destes caminhos: a atualização ou a aposentadoria. O papel do docente atual deve ir muito além, ele deve ser o mediador entre o conhecimento, a experiência de vida, o mundo em geral, e os seus discentes. Dito isto, percebe-se que a responsabilidade do docente contemporâneo é muito maior do que era quinze ou vinte anos atrás.

Um dos motivos do crescimento da responsabilidade do docente contemporâneo são as novas tecnologias, em especial a Internet. O educador que atua nas redes sociais virtuais deve se policiar quanto ao conteúdo por ele disponibilizado, e até mesmo pelo o que ele compartilha de terceiros, pois, nas mesmas redes estão também os seus empregadores, seus colegas de profissão e, principalmente, os seus alunos. Esta é uma afirmação que pode encontrar alguma resistência por parte de alguns professores, que podem alegar que o que

[1] Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Educação, XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM.
[2] Doutorando do Curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Docente da Faculdade Integrada Brasil Amazônia – FIBRA. Integrante do Grupo de Pesquisa "Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão" da Faculdade Cásper Líbero. Autor do livro "Mito e comunicação: a importância da mitologia e sua presença na mídia".

fazem fora da sala de aula, em momentos particulares, não afeta a sua vida profissional. Porém, deve ser lembrado que o professor é um formador de opinião, ele é, querendo ou não, um modelo a ser seguido, uma referência para os seus alunos e, portanto, deve se comportar como tal, tanto no seu cotidiano "desconectado", quanto no mundo *online*.

Para falar sobre o comportamento do educador nas redes sociais virtuais e os prós e contras dessa interação com o aluno mediada por computadores, *tablets*, celulares e demais aparatos tecnológicos, se faz necessário apontar pequenas observações sobre o seu posicionamento em sala de aula.

Colaboração *docente x discentes*

Paulo Freire afirmou que "o educador há que viver como um ser molhado de seu tempo" (FREIRE *apud* MERIJE, 2012: 68), ou seja, ele precisa estar sempre muito bem informado, atualizado do que acontece no mundo. É necessário que esteja atento a tudo, pois consome as informações para si e também para repassar para os seus alunos. O docente que tem essa preocupação dificilmente será aquele cujas aulas são vistas como enfadonhas, repetitivas e que não acrescentam nada de novo ao repertório dos discentes.

Há também, obviamente, o outro lado da questão. Os alunos devem sempre ter em mente que ao abordar um novo autor, um livro, um texto em especial, etc., o professor tem a intenção de que seus educandos vão além, pesquisem temas relacionados, procurem outras obras, não se prendam somente àquele conteúdo. O educador não precisa, ou pelo menos não deveria precisar, sempre enfatizar o quão importante é que o aluno tenha a curiosidade de aprender, de pesquisar por si mesmo, sem que o seu professor tenha que lhe repassar tudo minuciosamente detalhado.

O educador em sala de aula deve formular seu discurso como um produtor de informação que conta com a capacidade de pressuposição e inferência do seu recebedor. Ou seja, ao docente cabe justamente o estímulo à curiosidade dos discentes. Ele deve deixar aqueles que o ouvem dar o "passo final" rumo à compreensão do assunto que esteja sendo tratado.

Ensino, criatividade e estímulo

A fuga do lugar-comum também deve ser experimentada pelo professor contemporâneo em sala de aula. É certo que não existem fórmulas mágicas para fazer a turma interagir, participar de debates, expor suas opiniões, se interessar pela aula. Aquilo

que funciona perfeitamente bem em uma classe às vezes resulta em uma experiência completamente negativa em outra. Em alguns casos uma simples conversa, sobre uma notícia do jornal do dia que pode ser relacionada com o conteúdo da disciplina ou do mercado de trabalho que futuramente os alunos irão integrar, por exemplo, pode ser mais proveitosa do que uma explanação tradicional.

Segundo Freire,

> Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p. 23)

São muitos os instrumentos que auxiliam tanto a prática docente quanto o desenvolvimento intelectual dos discentes. Os educadores devem aproveitar a sua condição de referência perante seus alunos, citada anteriormente, para estimulá-los a participar de eventos como palestras, rodas acadêmicas de bate papo, seminários, etc., como ouvintes e também como palestrantes; a produzir artigos de opinião, artigos científicos, resenhas, etc., como forma de aprimoramento da produção textual, e também para publicação; fazer pesquisas em bibliotecas; entre outras atividades que, certamente, auxiliarão tanto a evolução do educando, quanto a percepção que este tem do comprometimento do professor com a sua educação.

Relação *docente x discentes*

O docente que atua em instituições de ensino superior frequentemente se vê diante de turmas bastante heterogêneas em vários aspectos: condição socioeconômica, nível cultural, faixa etária, etc. É comum, em uma mesma sala de aula, encontrar alguns alunos bastante jovens, recém-saídos do ensino médio, e outros que se encontram afastados dos estudos há certo tempo, cujas idades se aproximam da do professor, e algumas vezes até a ultrapassam.

Essa aproximação de faixa etária entre docentes e discentes pode ser positiva ou negativa, de acordo com o posicionamento de ambos. O educador deve compreender que, por mais que exista a identificação com um ou mais discentes, o seu papel em sala de aula é o de um profissional, que precisa prezar pelo aprendizado dos alunos, sem interferência

alguma do seu lado pessoal. Assim como os alunos precisam respeitar a figura do professor, tenha ele a idade que tiver.

Os outros aspectos citados acima também são fundamentais na preparação do discurso do professor. Cada aluno tem o seu próprio ritmo de aprendizado, conhecimentos de informática, acesso a tecnologias, bagagem cultural, entre outros. Cabe ao professor identificar as competências e limitações que a turma apresenta e tentar trabalhar com elas da melhor maneira possível.

Tecnologia, internet e seus recursos para a educação

De acordo com pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas, atualmente o Brasil tem três computadores para cada cinco habitantes[3]. O número de linhas de celulares ativas é ainda maior, são 254 milhões (MERIJE, 2012). Com o acesso facilitado à internet, por meio de provedores gratuitos, ou com preços populares, e também de planos de operadoras de telefonia celular de diversos preços, é possível dizer que, apesar do imenso número de famílias que vivem em situações precárias, a vida *online* já é uma realidade no Brasil, pelo menos para os indivíduos que vivem nas capitais.

Os números citados acima são importantíssimos para entender a dimensão de usuários que estão diariamente em contato com a internet e perceber que, se for utilizada em prol da educação, a rede pode ter grande utilidade para a relação entre docentes e discentes.

A realidade que se percebe diariamente é que um número considerável de pessoas que acessam a rede acaba se afastando daqueles com quem convivem, estabelece-se a já conhecida máxima "a internet aproxima os que estão longe e distancia os que estão perto". É cena comum em qualquer lugar indivíduos que não interagem com aqueles que os rodeiam por estarem totalmente entretidos com um aparelho celular ou um *tablet*. Duas perguntas podem ser lançadas aqui: "Como, então, utilizar os recursos da internet de maneira positiva?" e "Será possível utilizar a internet com fins educacionais?".

Enquanto a primeira resposta será respondida ao longo do texto, a segunda tem uma solução bem mais simples: sim, "a sinergia entre cultura, tecnologia e educação é uma realidade cada vez mais presente no cotidiano" (MERIJE, 2012). Ou seja, a combinação da educação com a tecnologia pode resultar em grandes oportunidades para o ensino e o aprendizado, tanto para os discentes quanto para os docentes, basta que os dois grupos

[3] Dados retirados de http://tecnologia.terra.com.br em 15/07/2013.

apliquem aqui a mesma relação de colaboração que devem manter em sala de aula, citada anteriormente.

De acordo com Merije,

> A disseminação de computadores, internet, celulares, câmeras digitais, e-mails, mensagens instantâneas, banda larga e uma infinidade de engenhocas da modernidade provocam reações variadas nas gerações anteriores ao advento tecnológico e também nos educadores (MERIJE, 2012, p 41).

O professor, porém, contrariamente à opinião de alguns, não tem o que temer com a utilização das novas tecnologias com fins educativos. É certo que o acesso à informação está cada vez mais ao alcance de todos. Porém o educador continua sendo o mediador nesta situação. É ele que vai auxiliar o discente na verificação da veracidade das informações, na descoberta de quem é o autor de determinada teoria, na avaliação se uma informação é confiável ou não, etc.

Assim como já faz em sala de aula, em relação à disciplina que leciona, o docente continuará a auxiliar os seus educandos no entendimento do conteúdo acessado a partir de computadores, *tablets* e celulares. Pois a sua vivência, na maioria das vezes, lhe dá uma facilidade maior de compreensão de certas informações, capacitando-o assim a guiar os seus alunos no caminho do aprendizado.

O docente e a internet

Como citado rapidamente no início do texto, o docente precisa se policiar quanto ao conteúdo que disponibiliza na internet. Na posição de educador, ele tem condições de utilizar uma rede social virtual, como o *Facebook* ou o *Twitter*, para disseminar mensagens de uma forma consideravelmente mais rápida e abrangente do que em sala de aula[4]. Por que não tirar proveito disto em beneficio da educação?

A internet está cheia de conteúdo que pode ser utilizado em sala de aula. Um incontável número de artigos, crônicas, revistas, jornais, livros completos e muitos outros tipos de textos, estão disponíveis em grandes portais e até mesmo em pequenas páginas pessoais. Procurando atentamente é relativamente fácil encontrar um material que tenha relação com o que está sendo discutido com a turma, e em questão de segundos indicar a sua leitura, que pode servir de tema para uma futura conversa em sala de aula.

[4] A abrangência vai depender, é claro, do número de conexões que o docente possuir nestas redes.

Outra opção, já bastante popular, é a criação de *e-mails* grupais, através dos quais os alunos se comunicam entre si e também recebem informações e materiais dos professores. Uma versão mais recente destes grupos de comunicação virtual são aqueles que a rede social virtual *Facebook* possibilita criar. Nestes a comunicação é bem mais dinâmica e um alerta é enviado para a página pessoal de todos os seus integrantes no momento em que a informação é publicada.

Mas será que o professor sempre vai encontrar turmas onde todos os alunos tenham acesso à internet? Provavelmente não. Como exposto anteriormente, a realidade da sala de aula sempre será heterogênea, e o educador tem que estar preparado para isso. O ideal seria que todos os alunos pudessem ter acesso ao conteúdo disponibilizado *online*, porém, em certas ocasiões, alguns deles não terão. Seja por ausência de familiaridade com a tecnologia, falta de condições financeiras para adquirir um computador com acesso à internet, entre outros motivos.

Como então continuar utilizando a internet e as redes sociais sem marginalizar ou prejudicar o aprendizado dos alunos que estão alheios às novas tecnologias? Existem várias maneiras. O professor pode indicar um aluno, como um monitor ou representante de turma, que ficará responsável pelo repasse do material *online* em versão impressa para os que não têm acesso, ou o próprio docente pode disponibilizar o material impresso na copiadora da instituição, para aqueles que optarem por essa versão ao invés da *online*.

O comportamento do docente nas redes sociais virtuais pode muito bem ser uma extensão daquele que ele mantém em sala de aula. De acordo com o jornalista e cientista político Harry Pross, "para a comunicação nenhuma lei é mais importante que a tolerância" (PROSS *apud* MENEZES, 2005, p. 25). O educador deve sempre cultivar essa tolerância, essa compreensão, essa afetividade com os seus alunos tanto na interação presencial, em sala de aula, qual na virtual, mediada por computadores, celulares e *tablets*.

Por trás da tecnologia há gente

É importante frisar que a tecnologia não é o destino, e sim o veículo. Por trás de todas as telas há gente de carne e osso, de sentidos e afetos. Também é necessário que o educador não restrinja a sua atuação e interação somente aos meios tecnológicos, antes de tudo ele é um ser físico que também deve entender a importância da interação presencial (quando ela é possível).

Antes de investir no conhecimento tecnológico e no manuseio de todos estes pequenos aparatos que têm o poder de conectá-lo ao mundo, o docente deve possuir o tato para ser um profissional que inspire aqueles que confiam nele para obter o aprendizado.

De acordo com Menezes (2005), Pross estabeleceu os seguintes conceitos de mídia:

Mídia primária: o homem constitui vínculos utilizando o próprio corpo. A sua postura, expressão corporal e também a sua fala fazem a ligação com indivíduos que estão mais próximos.

Mídia secundária: supre a necessidade de comunicação com uma quantidade de pessoas mais extensa, por meio do uso de instrumentos: a pintura, a escrita, os impressos, etc. Aqui o recebedor não necessita de nenhum aparato para captar a mensagem do emissor. Os meios da mídia secundária ampliam o alcance da mensagem em um menor espaço de tempo.

Mídia terciária: são as mídias eletrônicas, como o rádio, a TV, computadores e internet. Aqui tanto os emissores quanto os receptores precisam de algum aparato para enviar e receber suas mensagens. O seu ponto mais forte é a capacidade imensurável de alcance em um espaço de tempo absurdamente menor.

Obviamente, hoje a comunicação não é possível sem nenhum dos tipos de mídia expostos acima. Porém, mesmo reconhecendo a fundamental importância e a maior efetividade das mídias secundárias e terciárias, o indivíduo precisa se lembrar de que tudo parte da chamada mídia primária e a ela também tudo se destina. Ou seja, a comunicação não é feita do homem para a máquina, nem da máquina para o homem, a comunicação tem como emissores e receptores primordiais os seres humanos.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MENEZES, José Eugênio de O. Incomunicação e mídia. In: BAITELLO JUNIOR, Norval; CONTRERA, Malena Segura e MENEZES, José Eugênio de O. (Orgs.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.

MERIJE, Wagner**. Mobimento: educação e comunicação móbile**. São Paulo: Peirópolis, 2012.